REVISTA
do_co_mo_mo_
brasil
ISSN 2594-8601

Revista Docomomo Brasil | v.09, n.13, 2026, e.1803
https://doi.org/10.59804/rdb.2026.v9.1803

submetido: 02 | 06 | 2026
aceito: 07 | 09 | 2026
publicado: 17 | 10 | 2026

INCURSÕES NÔMADES
a arquitetura moderna nos Estados Unidos interpretada por Angel Guido

NOMADIC INCURSIONS: MODERN ARCHITECTURE IN THE UNITED STATES AS INTERPRETED BY ANGEL GUIDO

INCURSIONES NÓMADAS: LA ARQUITECTURA MODERNA EN LOS ESTADOS UNIDOS INTERPRETADA POR ANGEL GUIDO

LEONARDO FAGGION NOVO
Professor doutor, Universidade de São Paulo; Instituto de Arquitetura e Urbanismo.
lfnovo@usp.br
https://orcid.org/0000-0002-5198-202X

CRediT	
Contribuição de autoria -	O autor foi responsável por todas as etapas da elaboração do trabalho, incluindo concepção, curadoria de dados, análise, coleta de dados, metodologia e redação final.
Conflitos de Interesse -	O autor certifia que não há conflito de interesses.
Financiamento -	Este trabalho não recebeu financiamento de agências públicas, privadas ou sem fins lucrativos.
Aprovação de ética -	O autor certifica que não houve necessidade de aprovação de Comitê de Ética.
Uso de I.A -	O autor certifica que não houve uso de ferramentas de Inteligência Artificial na elaboração deste trabalho.
Editores responsáveis -	Luciana Saboia F. Cruz (Editora); Marcos Cereto (Editor); Patrícia Pereira Martins (Editora); Suelen Camerin (Editora); Rafael Urano Frajndlich (Editor convidado); Marcela Chagas (Assistente Editorial); Luiza Ceruti (Assistente Editorial); Raysa Oliveira (Assistente Editorial); João Magnus (Assistente Editorial).

RESUMO

Este artigo analisa as interpretações da arquitetura moderna estadunidense formuladas pelo arquiteto argentino Angel Guido na obra *Redescubrimiento de la América en el Arte* (1941). A partir de sua trajetória intelectual, sobretudo a viagem empreendida aos Estados Unidos entre 1932 e 1933, busca-se situar essas interpretações em um projeto político americanista mais amplo orientado à emancipação cultural do continente frente a Europa. A leitura de Guido sobre a arquitetura de Frank Lloyd Wright e os arranha-céus de Chicago e Nova York permite uma interpretação mais complexa das relações entre a paisagem e o espaço construído a partir das tensões entre elementos locais, doutrinas universais e a escala continental. Enquanto criticava o funcionalismo associado a Le Corbusier, identificava na obra de Wright uma tentativa de enraizamento da arquitetura na paisagem, nômade, característica da sociedade estadunidense. Já os arranha-céus eram compreendidos como a expressão mais acabada da modernidade norte-americana, articulando técnica, capitalismo e cultura urbana. Ao examinar as bases históricas mobilizadas por Guido para interpretar as diferenças entre as Américas do Norte e do Sul, o artigo busca contribuir para o mapeamento das múltiplas concepções de modernidade elaboradas no continente, evidenciando o papel das formulações culturais, arquitetônicas e urbanas na construção de projetos de autonomia e identidade americanas.

PALAVRAS-CHAVE: Angel Guido; Frank Lloyd Wright; Arranha-céu

REVISTA
do_co_mo_mo_
ISSN 2594-8601
brasil

ABSTRACT

This article examines the interpretations of American modern architecture developed by the Argentine architect Angel Guido in Redescubrimiento de la América en el Arte (1941). Drawing on his intellectual trajectory, particularly his journey to the United States in 1932, the article situates these interpretations within a broader Americanist political project aimed at the continent's cultural emancipation from Europe. Guido's readings of the architecture of Frank Lloyd Wright and of the skyscrapers of Chicago and New York offer a nuanced interpretation of the relationship between landscape and the built environment, highlighting tensions between local conditions, universal doctrines, and continental-scale concerns. While criticizing the functionalism associated with Le Corbusier, Guido identified in Wright's work an attempt to root architecture in the landscape, despite what he perceived as the nomadic character of American society. Skyscrapers, in turn, were understood as the most accomplished expression of North American modernity, bringing together technology, capitalism, and urban culture. By examining the historical foundations mobilized by Guido to interpret the differences between North and South America, the article seeks to contribute to the mapping of the multiple conceptions of modernity developed across the continent, emphasizing the role of cultural, architectural, and urban formulations in the construction of projects of American autonomy and identity.

KEYWORDS: Angel Guido; Frank Lloyd Wright; skyscraper.

RESUMEN

Este artículo analiza las interpretaciones de la arquitectura moderna estadounidense formuladas por el arquitecto argentino Angel Guido en la obra Redescubrimiento de la América en el Arte (1941). A partir de su trayectoria intelectual, y especialmente del viaje realizado a los Estados Unidos en 1932, se busca situar dichas interpretaciones dentro de un proyecto político americanista más amplio, orientado a la emancipación cultural del continente frente a Europa. La lectura de Guido sobre la arquitectura de Frank Lloyd Wright y sobre los rascacielos de Chicago y Nueva York permite una interpretación más compleja de las relaciones entre paisaje y espacio construido, atendiendo a las tensiones entre elementos locales, doctrinas universales y la escala continental. Mientras criticaba el funcionalismo asociado a Le Corbusier, identificaba en la obra de Wright un intento de arraigar la arquitectura en el paisaje, en contraste con el carácter nómada que atribuía a la sociedad estadounidense. Por su parte, los rascacielos eran comprendidos como la expresión más acabada de la modernidad norteamericana, articulando técnica, capitalismo y cultura urbana. Al examinar las bases históricas movilizadas por Guido para interpretar las diferencias entre las Américas del Norte y del Sur, el artículo busca contribuir al mapeo de las múltiples concepciones de modernidad elaboradas en el continente, poniendo de relieve el papel de las formulaciones culturales, arquitectónicas y urbanas en la construcción de proyectos de autonomía e identidad americanas.

PALABRAS CLAVES: Angel Guido; Frank Lloyd Wright; rascacielos.

REVISTA
do_co_mo_mo_
ISSN 2594-8601
brasil

INTRODUÇÃO: O REDESCOBRIDOR E A REDESCOBERTA

Publicada pela primeira vez em 1941, a obra *Redescubrimiento de la América en el Arte* pode ser encarada como uma síntese das reflexões multidirecionais do arquiteto argentino Angel Guido (1896–1960)[1]. Sua intensa produção durante as primeiras décadas do século XX não se restringia aos círculos acadêmicos e ganhava as páginas de periódicos de grande circulação nacional, como o *La Nación*, onde frequentemente publicava artigos de opinião sobre os temas mais diversos relacionados à cultura e às cidades no continente. Esse interesse reiteradamente renovado pelo debate de suas ideias e teorias o levou, ao final da década de 1930, a organizar uma coletânea e a reunir esses textos elaborados e publicados nas décadas anteriores. Essa operação editorial de transformar artigos em capítulos desloca o sentido de seus argumentos e permite estabelecer outras relações e articulações a partir de um projeto político pensado em escala continental, ainda que se valha de elementos locais e regionais.

Os vinte e cinco capítulos que compõem a obra são organizados em três seções: ideologia, método e redescobrimento da América pela arte – parte mais extensa, onde são apresentados vinte e três textos divididos entre "Euríndia arqueológica" e "Euríndia viva". Dedicados a diferentes dimensões da cultura a partir do estudo de diferentes países, os capítulos conformam um sólido argumento defendido ao longo do livro: a necessidade de uma reorientação artística e cultural em prol da emancipação política da América. Esse projeto de futuro para o continente era formulado a partir de uma interpretação específica sobre o passado, assentada, por sua vez, em uma cronologia onde alternam-se momentos de sujeição (colonização) e autonomia (emancipação). Essa síntese é orientada para enfatizar a importância do século XVIII como momento inaugural, ainda que momentâneo, da manifestação de um tipo de arte autenticamente americana, a ser recuperado, ou redescoberto, no século XX como substrato para a reconquista de uma cultura autônoma figurada pela arquitetura e pela arte nas cidades.

Angel Guido assume a posição de redescobridor nesse projeto intelectual e político cuja própria criação, a América redescoberta, pode ser encarada como fruto de uma trajetória itinerante e continentalmente articulada. Por meio de diferentes linguagens – textos, mas também projetos arquitetônicos, urbanísticos, design de objetos decorativos, mobiliário e cenografia –, o arquiteto nascido em Rosário participou dos principais debates culturais que colocaram na pauta do dia o nacionalismo argentino e a identidade americana nas primeiras décadas do século XX. Formado em engenharia civil e em arquitetura, Guido é mais conhecido pelo projeto vencedor do concurso para a construção do *Monumento Nacional a la Bandera* (1939) em sua cidade natal (Rigotti, 2011).

Autor de livros, conferências e artigos amplamente difundidos na América Latina, Guido participou ativamente dos principais espaços de debate disciplinar de seu tempo. Ainda que sua atenção às cidades do norte argentino possa indicar uma atuação local, a análise de sua trajetória permite indicar como esses projetos formulados a partir da peculiaridade de uma região ganhavam novos contornos a partir de circuitos transnacionais de circulação e debate de ideias que, entre as décadas de 1920 e 1940, colocaram em relação universidades, associações profissionais, congressos internacionais e instituições culturais do continente. Nesse contexto, sua reflexão sobre a arte e a arquitetura americanas não pode ser compreendida como mera defesa de uma estética regionalista, mas como parte de uma agenda intelectual voltada à construção de uma consciência histórica continental capaz de reivindicar a autonomia cultural. Ao mobilizar categorias como tradição, mestiçagem,

Revista Docomomo Brasil | v.09, n.13, 2026, e.1803
https://doi.org/10.59804/rdb.2026.v9.1803

REVISTA
do_co_mo_mo_
ISSN 2594-8601
brasil

hispanidade e americanismo, Guido elaborou uma interpretação histórica da cultura arquitetônica que atribuía ao passado colonial e às matrizes indígenas um papel constitutivo na formação de uma modernidade encarada como autenticamente americana.

A tarefa de redescobrir a América motivou uma série de viagens realizadas durante as décadas de 1920 e 1930 que o permitiram fazer um levantamento imagético, bibliográfico e arquivístico das manifestações artísticas e culturais identificadas entre o sul da Patagônia até o norte dos Estados Unidos. Nesse circuito, é notável a ênfase dada às cidades sul-americanas, tributária de suas boas relações com arquitetos do Uruguai, Brasil, Chile e Peru – nominalmente agradecidos no pequeno texto de apresentação da coletânea. Muitos dos capítulos, por isso, são dedicados a analisar o Rio de Janeiro, "pedaço admirável e espetacular da América viva" e do "contorcionismo barroco" (Figura 1); Salvador, representada pelo bairro de Amaralina e sua arquitetura tropical e natureza que "transpira constantemente calor de germinação"; as ruínas de Cusco, fonte para o estudo da arte incaica (Figura 2); La Paz, destacada pela Igreja de São Francisco; e Córdoba, representante das cidades do norte argentino e da resistência ao "ecletismo do porto" que condenou Buenos Aires.

Figura 1: "Um aspecto da Bahia de Guanabara. Rio de Janeiro. Brasil".

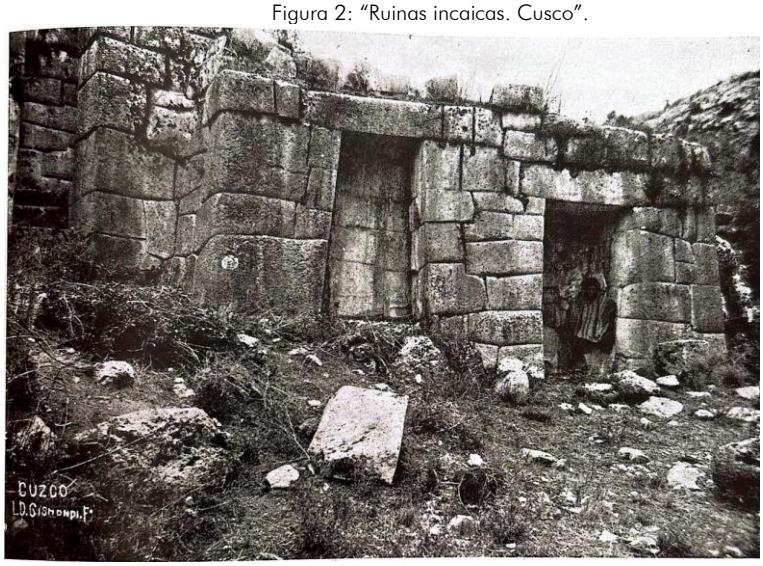


Fonte: Guido, 1944, p. 461.

Revista Docomomo Brasil | v.09, n.13, 2026, e.1803
https://doi.org/10.59804/rdb.2026.v9.1803

REVISTA
do_co_mo_mo_
ISSN 2594-8601
brasil

Figura 2: "Ruinas incaicas. Cusco".



Fonte: Guido, 1944, p. 359.

Ainda que a ênfase sul-americana seja evidente, a operação de redescobrir a América só seria bem-sucedida com a inclusão, em sua teoria, dos países do Norte, daí a importância de compreender os efeitos dessa curta temporada nos Estados Unidos em seu projeto intelectual. A partir da viagem financiada pela John Simon Guggenheim Memorial Foundation, o arquiteto dedicou-se a analisar determinadas paisagens, cidades e arquiteturas: Taxco, considerada a "Atenas colonial do México", os muralistas mexicanos David Siqueiros e Diego Rivera, os arranha-céus de Nova York e Chicago e a trajetória de Frank Lloyd Wright.

Em termos historiográficos, a trajetória de Guido e alguns de seus projetos já foram analisados por uma série de trabalhos argentinos. Ele é considerado um dos protagonistas da história da arquitetura no país, como enunciado no número especial dos *Cuadernos de Historia* – boletim oficial do *Instituto de Arte Americano e Investigaciones Estéticas Mario Buschiazzo* da *Universidad de Buenos Aires* – publicado em 1998 e, mais recentemente, na publicação editada pelo *Centro de Documentación de Arte y Arquitectura Latinoamericana* (CEDODAL, 2012), *Experiencias de urbanismo y planificación en Argentina, 1909-1955*.

O verbete dedicado a Angel Guido na publicação do CEDODAL fornece balizas importantes para situar as escolhas profissionais e percursos possíveis trilhados por ele. Formado engenheiro civil em 1920, no ano seguinte também obteve seu diploma de engenheiro arquiteto, ambos pela Universidade Nacional de Córdoba. Imediatamente após concluir seus estudos, inicia sua atuação profissional e acadêmica na *Universidad Nacional do Litoral*, em Santa Fé, onde chega a ser reitor. Simultaneamente, Guido projetou uma série de residências particulares, incluindo a sua própria casa em Rosário e a casa do literato Ricardo Rojas, importante referência teórica e pessoal para Guido, em Buenos Aires, além do projeto da sede do *Clube Gimnasia y Esgrima*, do Museu Histórico Provincial no Parque da Independência e do já mencionado Monumento à Bandeira Nacional em Rosário. O verbete ainda destaca sua atuação como urbanista ao elencar a formulação de planos para as cidades de Rosário (1935), Salta (1938), San Miguel de Tucumán (1939) e San Juan (1943), além de um projeto de "monumentalização funcional" para a Avenida 9 de julho, em Buenos Aires (1941). Uma atuação, portanto, múltipla e que indica os diferentes

Revista Docomomo Brasil | v.09, n.13, 2026, e.1803
https://doi.org/10.59804/rdb.2026.v9.1803

REVISTA do_co_mo_mo_ brasil
ISSN 2594-8601

caminhos que um jovem diplomado em arquitetura e engenharia civil poderia tomar na primeira década do século XX na América do Sul.

Ainda que essa lista de atividades profissionais seja circunscrita à Argentina, seus trânsitos são marcados por uma projeção continental. Apesar de, reiterada e marcadamente, enfatizar suas origens – o norte argentino e sua condição de não capitalidade –, manteve diálogos com outros profissionais sul-americanos, bem como empreendeu uma série de viagens por diferentes países do continente como parte de uma missão científica voltada a reinterpretar a história da América. Engajado nos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos desde suas primeiras edições, Guido fez parte de uma rede sul-americana de profissionais dedicados a pensar as orientações para as arquiteturas, as cidades e a profissão. Parte de sua produção textual foi motivada por esses eventos, como é o caso de *La arquitectura hispanoamericana a través de Wölfflin* e *Orientación espiritual de la arquitectura en América*, originalmente apresentados como teses no III Congresso Pan-Americano de Arquitetos (Buenos Aires, 1927) e publicados, no mesmo ano, como livretos.

Além das viagens pela América do Sul empreendidas durante as primeiras décadas do século XX a partir dessa rede, Angel Guido esteve nos Estados Unidos entre outubro de 1932 e maio de 1933 a partir da concessão da bolsa de pesquisa da John Simon Guggenheim Memorial Foundation direcionada a artistas, técnicos e acadêmicos latino-americanos, enquadrados pela instituição como *Latin American Exchange Fellows*. Nas cartas trocadas com Ricardo Rojas, o arquiteto encarava a viagem como parte de sua "propaganda americanista da arquitetura moderna", como analisado por María Florencia Antequera (2020)[2].

A pesquisa *in loco* nos Estados Unidos e sua leitura das arquiteturas e cidades do norte do continente eram orientadas por um projeto americanista mais amplo, baseado em uma leitura da história do continente feita em diálogo com a noção de Euríndia, categoria formulada por Rojas em obra homônima publicada em 1924. A fusão de elementos díspares (modernidade e tradição, sujeição e autonomia, local e continental) proposta por Rojas é mobilizada por Guido em sua leitura das cidades e arquiteturas na América e torna-se uma categoria importante para interpretar a experiência moderna na América. Essa "fusão euríndica" (Antequera, 2020) pressupõe a modernidade enquanto possibilidade de emancipação política e viabiliza uma leitura não hierarquizada das manifestações culturais identificadas nos dois extremos do continente.

O presente artigo recupera sua leitura de determinados índices da arquitetura moderna nos Estados Unidos (os arranha-céus e a arquitetura de Frank Lloyd Wright) para situá-las nesse projeto político continental a partir da análise da terceira edição do livro, buscando enfatizar o papel da viagem aos Estados Unidos em suas reflexões, bem como tornando a obra parte de um percurso intelectual mais amplo. Nesse exercício, as diferentes linguagens e temporalidades de seus objetos de estudo são mobilizadas não para legitimar hierarquias entre o sul e o norte da América, mas para valorizar uma diversidade possível em um continente marcado por diferentes paisagens e tradições históricas. Essa operação permite compreender o livro *Redescubrimiento* como objeto privilegiado para identificar outras interpretações da modernidade na América, encarada fundamentalmente como plural e necessariamente articulada aos projetos políticos em disputa a partir da Primeira Guerra Mundial.

Revista Docomomo Brasil | v.09, n.13, 2026, e.1803
https://doi.org/10.59804/rdb.2026.v9.1803

REVISTA
do_co_mo_mo_
ISSN 2594-8601
brasil

MODERNOS E AMERICANOS, SEDENTÁRIOS OU NÔMADES

Se tomados como um todo, os capítulos de *Redescubrimiento de la América en el Arte* se apresentam como um universo plural de referências que convergem para um projeto político ancorado na arte e na arquitetura: o desejo pela autonomia americana frente aos cânones europeus. Esse pressuposto é transformado em ideologia por Guido e sintetizado no primeiro capítulo da obra dedicado a pensar a América frente à Europa no campo da arte. Essa formulação se vale de um pressuposto no qual a cultura é pensada a partir de um repertório de valores concomitantes: religião, política, economia, filosofia, idioma e arte. Não menos importante, esses valores são situados em uma cronologia sobre a história da América impulsionada pela tensão entre momentos de conquista e reconquista. Os séculos iniciais da colonização indicam, nesse sentido, a imposição de uma "ditadura estética europeia", retomada no século XIX pela difusão do ecletismo como linguagem e pelo cosmopolitismo, interpretado como índice da perda de autenticidade na arte americana. Por outro lado, Guido enfatiza o momento de reconquista americana no século XVIII a partir do que entende ser uma rebelião estética e política *criolla*. Ele destaca um tipo de organização do trabalho característica das sociedades americanas pré-colombianas (Maias, Incas e Astecas) pautado por uma relação telúrica com a paisagem e orientado a fomentar o espírito de rebelião sentido, primeiro, no campo artístico e estético e, depois, na política. Os processos de independência dos países latino-americanos tornam-se, nesse esquema explicativo, o resultado dessas manifestações culturais a serem recuperadas no início do século XX como possibilidade de emancipação e reivindicação de uma modernidade associada a essa região do continente.

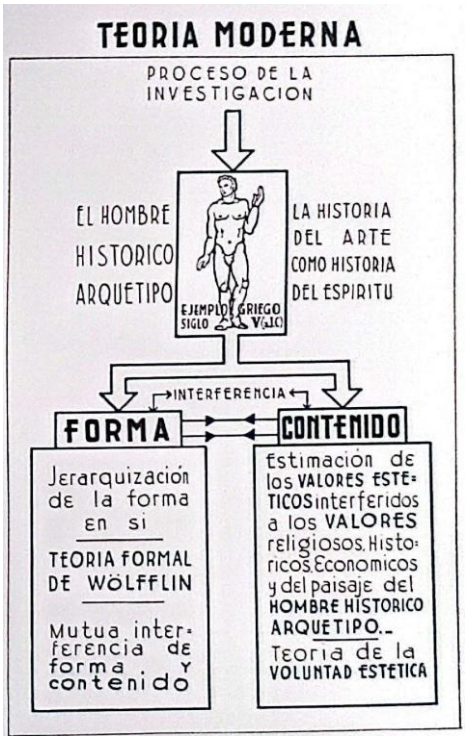
A montagem dessa cronologia não representava, contudo, um desejo nostálgico de retorno ao passado, mas indicava, justamente, o caráter moderno da proposta de Angel Guido: estabelecer outras bases teóricas para interpretar as manifestações culturais identificadas no século XX. Observa-se, nesse sentido, um interesse em analisar uma diversidade de propostas modernas e modernistas a partir de um viés americanista justificado pela necessidade da redescoberta. Interessa enfatizar essa imbricação entre cultura e política, central para a construção da modernidade na América pelo autor, que se preocupava em ir além de uma simples relação de reflexo entre manifestações artísticas e ideários políticos.

Menos do que condenar a arquitetura moderna, o que um exame rápido de sua trajetória poderia levar a crer em função de seus projetos neocoloniais, Guido buscava ampliar o conjunto de referências mobilizado para pensá-la na América Latina. Nesse sentido, suas críticas a Walter Gropius e Le Corbusier podem ser lidas como uma crítica ao ideário evolucionista e positivista observado na Europa. A ênfase no telúrico como índice explicativo da cultura o permitia elaborar uma crítica à difusão de modelos artísticos e arquitetônicos formulados no Velho Continente e julgados como incompatíveis com outras geografias. A universalidade dessas propostas arquitetônicas, segundo Guido, não passaria de um dos mitos da máquina e da Arte Nova (Guido, 1944, p. 39). Essa "maquinolatria", neologismo criado por ele para denunciar a desumanização operada pela arquitetura modernista defendida pelo arquiteto franco suíço, dava origem a uma arte subordinada e desprezível, como argumentou em *La machinolatrie de Le Corbusier* (1930). No livreto, o autor argumenta sobre a falta de originalidade da proposta corbusiana, o caráter disperso de suas teorias e sua ignorância na interpretação moderna da história da arte, filiando-se, por outro lado, às teorias de Heinrich Wölfflin e Wilhelm Worringer – como nota-se nos quadros e esquemas explicativos para interpretar a arte na América publicados na terceira edição de *Redescubrimiento* (Figura 3).

Revista Docomomo Brasil | v.09, n.13, 2026, e.1803
https://doi.org/10.59804/rdb.2026.v9.1803

REVISTA
docomomo brasil
ISSN 2594-8601

Figura 3: Esquema interpretativo da teoria moderna na história da arte formulado a partir de Wolfflin e Worringer.



Fonte: Guido, 1944, p. 57.

Apesar do tom bélico, o arquiteto argentino reconhecia a grandeza de Le Corbusier, ainda que sufocada pela "estrutura de ferro de sua própria mecanização" (Guido, 1930, p.11). Menos do que a arquitetura, o alvo da crítica seria a reprodução impensada e mecânica de modelos alheios à paisagem cultural e a história nas Américas, como observa-se no capítulo dedicado a Frank Lloyd Wright.

O que poderia parecer uma crítica generalizada à arquitetura modernista, contudo, torna-se mais complexa se considerarmos outros textos de Angel Guido sobre diferentes objetos e profissionais associados a esse debate. Ao voltarmos à introdução de *Redescubrimiento*, nota-se uma apreensão plural desse ideário modernista na arquitetura. Para além do maquinismo, ele recupera a atuação de Frank Lloyd Wright e suas tentativas de implementar uma arquitetura *born of the ground* como índices de um tipo de construção ajustada a seu meio. Essa aparente dualidade de sua avaliação não é construída de modo ingênuo, mas parte de uma constatação entre as diferenças observadas nos povos e cidades situadas nos dois extremos da América: uma distinção entre as sociedades do norte, encaradas como nômades, e do sul, caracterizadas como sedentárias. Nesse exercício, cada povo era encarado a partir de parâmetros históricos fixos, determinados pelos diferentes processos de colonização observados nos dois polos do continente e base para a construção desse binômio[3]. Menos do que uma hierarquia, contudo, para Guido, observar essas diferenças o permitiu elaborar uma consistente teoria que encarava a oposição entre norte e sul como constitutiva do valor identificado na América e fonte para sua emancipação moderna, política e artística frente a Europa.

Revista Docomomo Brasil | v.09, n.13, 2026, e.1803
https://doi.org/10.59804/rdb.2026.v9.1803

REVISTA
do_co_mo_mo_
ISSN 2594-8601
brasil

O capítulo número vinte e dois de *Redescubrimiento* é dedicado a Frank Lloyd Wright e possui um subtítulo curioso: a tragédia intelectual de um grande arquiteto. A versão original do texto foi publicada como um artigo no *La Prensa* no ano em que Guido retornou dos Estados Unidos, 1933, o que sinaliza os efeitos imediatos da viagem em sua produção intelectual, bem como um interesse pronunciado do argentino sobre as produções do arquiteto estadunidense[4]. Ou seja, menos do que elaborar uma síntese ou catalogar os projetos de Wright, Guido destacava elementos de sua produção que o ajudassem a argumentar sobre certa distância entre a arquitetura moderna wrightiana e a "maquinolatria" que condenava, em sua escala de valores, grande parte da produção arquitetônica moderna na Europa, ainda que fosse difundida como universal.

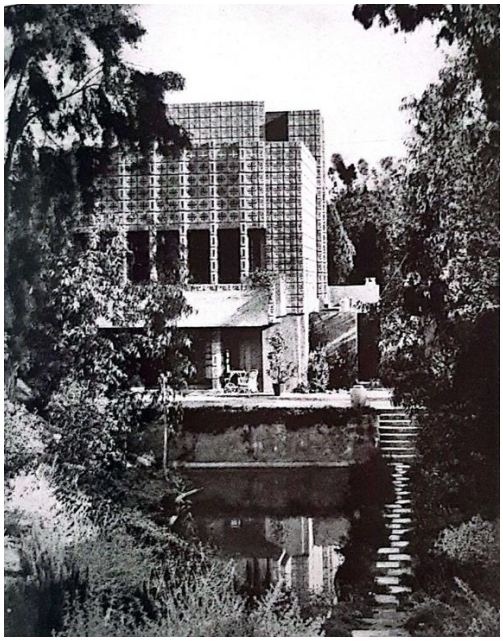
Esse descompasso é explicado historicamente pela distinção feita entre sociedades nômades e sedentárias na América. Essa dualidade estrutura todo o seu argumento e é a base para sua interpretação da arquitetura wrightiana: enquanto nos Estados Unidos ele identifica o nomadismo resultante de um desenraizamento da terra, na América Latina, o telúrico conforma as dinâmicas sociais e exerce a força da paisagem sobre as manifestações culturais. Ambas as condições são dadas historicamente ao serem considerados os diferentes percursos formativos dessas sociedades. Nos Estados Unidos, o salto brusco entre o estado agrícola e industrial e a formação de um proletário nômade associado a um caráter conquistador explicariam o surgimento de um tipo de arte eminentemente urbana (Guido, 1944, p. 632). A arte latino-americana, por outro lado, expressava uma conexão telúrica forjada historicamente, como observado em outros capítulos do livro ao serem analisados os povos pré-colombianos. As relações entre norte e sul do continente, contudo, não eram encaradas como oposições, mas tensionadas por um sistema de codependência: "a arte dos povos nômades, conquistadores, é sempre uma consequência da arte dos povos conquistados" (Guido 1944, p. 634).

Como situar, nesses esquemas, a arquitetura de Frank Lloyd Wright? Sua apreensão específica da força da paisagem no ambiente construído coloca em xeque, em algum sentido, essa vocação nômade estadunidense e, por isso, Guido assume o tom trágico de uma trajetória marcada por descompassos. Wright, antes de arquiteto, é encarado como um sonhador que, se a princípio foi arrebatado pelo "ritmo fabril da máquina" se converte a uma doutrina considerada romântica ao fundar, a partir de um percurso de estudos e viagens, uma arquitetura orgânica vinculada intimamente à paisagem. Sua tragédia intelectual, portanto, foi a de "sonhar em popularizar uma arquitetura *born of the ground* em um povo de estrutura estética nômade" (Guido, 1944, p. 640).

Revista Docomomo Brasil | v.09, n.13, 2026, e.1803
https://doi.org/10.59804/rdb.2026.v9.1803

REVISTA
do_co_mo_mo_
ISSN 2594-8601
brasil

Figura 4: "Residência em Pasadena. Califórnia. Obra de Frank Lloyd Wright, 1922".



Fonte: Guido, 1944, p. 641.

O interesse na arquitetura de Wright era explicado, portanto, pelo objetivo de ampliar as referências para pensar a modernidade na América em uma interpretação plural da história do continente. Uma vez postuladas as diferenças entre a América Latina e os Estados Unidos, a viagem financiada pela Guggenheim Memorial Foundation o permitiu conhecer e se apropriar de dois índices modernos da arquitetura no país que o ajudassem a argumentar sobre a construção de uma unidade na diferença.

De modo a contrastar com as propostas sedentárias de Frank Lloyd Wright, deslocadas em relação a uma realidade considerada nômade, Guido situa os arranha-céus, o "acento americano na arte do mundo". Originalmente proferido como uma conferência na *Universidad de Montevidéo* em 1940, o capítulo propõe realizar uma radiografia desse "gigante que emerge das cidades da América". Seu argumento parte de um paralelo entre o significado atribuído às catedrais góticas, índices da tradição construtiva europeia, e aos arranha-céus, epítome da tradição americana valorizado pela aderência ao nomadismo observado nas sociedades do norte do continente. Importa notar que o texto foi originalmente publicado como livreto, "*Catedrales y Rascacielos*", no ano de 1936, três anos após seu retorno dos Estados Unidos, outro índice dos impactos da viagem em suas reflexões.

Em seu exercício de radiografar o arranha-céu, Guido pretende analisar três dimensões associadas a essa tipologia: anatomia, morfologia e espírito. A anatomia, metáfora para abordar a as motivações para a criação e consolidação desse novo tipo de edifício, é investigada a partir de uma genealogia dos projetos considerados pioneiros no país datados da década de oitenta do século XIX (edifício Monadnock, 1881; Home Insurance Building,

Revista Docomomo Brasil | v.09, n.13, 2026, e.1803
https://doi.org/10.59804/rdb.2026.v9.1803

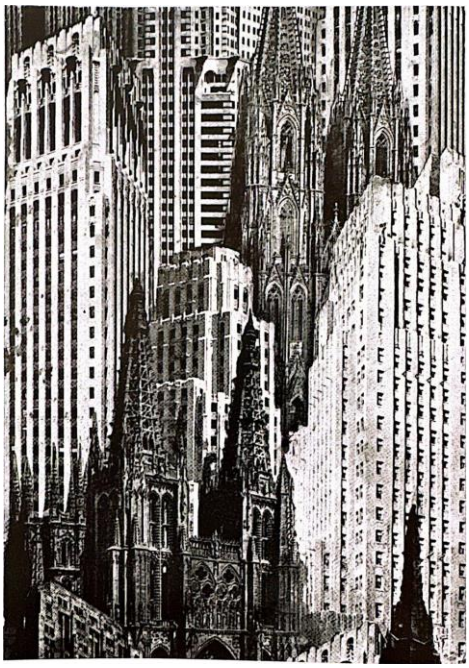
REVISTA
do_co_mo_mo_
ISSN 2594-8601
brasil

1885; edifício Tacoma, 1888) com ênfase nas inovações técnicas representadas pelo sistema construtivo desenvolvido em Chicago. A técnica é, contudo, tensionada pela política na análise de Guido, uma vez que essa inovação representa não apenas a consolidação de um novo modo de construir, mas a ampliação da superfície útil e da possibilidade de lucro forjadas para satisfazer uma demanda produtiva associada à vida norte-americana.

A morfologia, por sua vez, é encarada como um exame da exterioridade da forma do arranha-céu a partir de uma investigação estética de suas vontades artísticas[5]. Ainda que Guido condene os arranha-céus a objetos funcionalistas, utilitários e sem qualquer vontade artística, sua interpretação disputa as origens, gênese e valores associados a às construções em altura. Ao reiterar o caráter precursor dos arranha-céus de Chicago, ele desloca as origens dessa cronologia da Europa para a América. É na América do Norte que o arranha-céu abandona progressivamente as estilizações e aplicações neoclássicas das ordens e a solução tripartida para atingir o "triunfo do verticalismo" em um estilo absolutamente americano (Guido, 1944, p. 732).

Em sua argumentação, assim como as catedrais materializam o espírito gótico e escolástico, os arranha-céus respondem à atmosfera maquinista e aos valores da renda e da propriedade. Ambos encarados, portanto, como espíritos de seus tempos e expressões das potencialidades construtivas impulsionadas pelo espírito, ora voltado ao transcendental, ora capturado pela máquina. Posturas violentamente opostas, mas aproximadas, na análise de Guido, por um impulso criador similar (Guido, 1944, p. 735). Esse deslocamento pode parecer simples, mas ensejou a difusão de outros modos de interpretar as construções em altura na América Latina, como argumentam Virginia Bonicatto e Juan Sebastián Malecki (2023) a partir da Argentina.

Figura 5: "Catedrais e arranha-céus". Montagem feita por Angel Guido.



Fonte: Guido, 1944, p. 720.

Revista Docomomo Brasil | v.09, n.13, 2026, e.1803
https://doi.org/10.59804/rdb.2026.v9.1803

REVISTA
do_co_mo_mo_
ISSN 2594-8601
brasil

Conhecer *in loco* os arranha-céus e a produção de Frank Lloyd Wright, portanto, o permitiram articular sua leitura histórica da América a exemplos concretos identificados no norte do continente. Menos do que ampliar seus argumentos, a viagem parece ter sido pensada como momento de escolher perante a um amplo repertório de modernismos, exemplos que o ajudassem a disputar a orientação para a arquitetura no continente na primeira metade do século XX. A atenção às viagens como momentos importantes para a formulação de teorias e interpretações históricas das cidades e suas arquiteturas reforça o argumento de Josianne Cerasoli (2011) ao analisar seu papel complementar a educação formal dos arquitetos no início do século XX. Nesse sentido, Wright e os arranha-céus não figuram como exceções, mas ampliam o repertório para construir uma América moderna.

O impacto da viagem aos Estados Unidos nas reflexões de Guido, contudo, não foi inadvertido, mas parte do programa de estudos que possibilitou o financiamento pela Guggenheim Foundation. Em sua passagem pelo Rio de Janeiro antes de embarcar para o país em 1932, o arquiteto concedeu uma entrevista ao jornal *A Noite* onde apresentou, com detalhes, esse percurso de estudos baseado em quatro eixos de investigação: a aplicação dos estilos colonial missionário, mexicano e adobe na arquitetura moderna; o arranha-céu sob seus aspectos econômico, artístico e estético-social; o ensino de história da arte e da arquitetura nas universidades estadunidenses; e os planos reguladores e estudos de remodelação de cidades americanas (A Noite, 24 de set. 1932, p. 2). Essa pluralidade de temas conformava o debate sobre as cidades na América nas primeiras décadas do século XX e já eram explorados por Guido em sua produção antes de visitar os Estados Unidos. Os textos, transformados em capítulos, produzidos a partir da viagem tornam-se vestígios de uma operação historiográfica (Certeau, 2010) na qual exemplos tornam-se índices materiais mobilizados na construção de um projeto de futuro a partir de uma leitura do passado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As leituras de Angel Guido sobre determinados índices da arquitetura moderna nos Estados Unidos não eram feitas de modo ingênuo ou pontual, como sua condição efêmera de viajante pode levar a crer. Sua interpretação dos arranha-céus e do conjunto de projetos de Frank Lloyd Wright deve ser situada no interior de um projeto intelectual americanista mais amplo orientado pela construção de uma autonomia cultural para o continente. Longe de constituírem observações isoladas sobre a produção arquitetônica dos Estados Unidos, tais reflexões integravam uma interpretação histórica da América elaborada a partir das redes intelectuais, dos repertórios conceituais e das cronologias pan-americanistas situadas entre as décadas de 1920 e 1940. Nesse quadro, a arquitetura era mobilizada como evidência privilegiada para a compreensão dos processos históricos, das identidades coletivas e dos horizontes políticos em disputa no continente, como observado pelo panorama dos capítulos do livro *Redescubrimiento de América en el Arte*.

Ao examinar as categorias empregadas por Guido para diferenciar as Américas do Norte e do Sul, tornam-se evidentes as diferentes interpretações sobre a experiência da modernidade no continente. Sua crítica ao funcionalismo europeu e sua valorização de manifestações arquitetônicas consideradas enraizadas em condições históricas e paisagísticas específicas revelam um esforço em articular escalas locais, nacionais e continentais das experiências associadas à modernidade. A diversidade das paisagens, cidades, arquiteturas e tradições culturais americanas era concebida, nesse sentido, não como obstáculo, mas como fundamento do projeto de emancipação cultural.

Revista Docomomo Brasil | v.09, n.13, 2026, e.1803
https://doi.org/10.59804/rdb.2026.v9.1803

REVISTA
do_co_mo_mo_
ISSN 2594-8601
brasil

O papel da viagem aos Estados Unidos para as reflexões de Angel Guido é o de deslocar uma interpretação fundada na oposição entre polos rigidamente definidos e hierarquizados (Europa e América, universal e particular) para uma concepção na qual a especificidade das regiões e das localidades pode ser articulada a uma problemática de alcance continental e, em última instância, universal. Não se trata, portanto, de estabelecer uma hierarquia entre diferentes escalas de pertencimento ou de conhecimento, tampouco de recusar as referências mais amplas em favor de uma valorização exclusiva do local e do regional. Sua atenção às condições específicas de cada lugar constitui precisamente uma possibilidade de formular interpretações menos circunscritas pelas fronteiras nacionais. A valorização do elemento local e regional opera como ponto de partida para uma reflexão sobre experiências históricas compartilhadas e sobre a possibilidade de uma elaboração intelectual própria em escala americana.

Esse deslocamento redefine, também, o lugar do pan-americanismo no projeto intelectual de Guido, não mais encarado como uma doutrina unidirecional formulada por Washington D.C. e implementada à força em direção à América Latina por meio de modelos prontos, mas como uma prática política e intelectual capaz de produzir relações, aproximações e leituras recíprocas entre diferentes espaços do continente. Angel Guido se vale dessa abertura conceitual para mobilizar essas conexões em prol de seu objetivo de construir e disputar autonomias: seja a latino-americana frente aos Estados Unidos, seja a americana frente à Europa. Trata-se, portanto, de compreender a América não como uma unidade dada, mas como um campo de relações no qual, sobretudo a partir da América Latina e da América do Sul, poderiam ser elaboradas outras formas de interpretar a experiência americana e de situá-la em uma escala simultaneamente regional, continental e universal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTEQUERA, María Florencia. Querido Maestro: El epistolario inédito de Ángel Guido a Ricardo Rojas – Entre la Arquitectura Euríndica y el archivo. **Confluenze – Revista di Studi Iberoamericani,** vol. XI, n.2, 2019.

ANTEQUERA, María Florencia. Euríndia o el organizador sintáctico de los fragmentos de mundo. Una aproximación al concepto de fusión en la obra de Ángel Guido. **Revista Maracanan**, n.23, p. 221-247, 2020.

ARQUITECTURA ARGENTINA – Protagonistas. **Cuadernos de Historia** – Boletín del Instituto de Arte Americano e Investigaciones Esteticas "Mario J. Buschiazzo"; Facultad de Arquitectura, Diseno y Urbanismo; Universidad de Buenos Aires. Jun. 1998.

BONICATTO, Virginia; MALECKI, Juan Sebastián. Discursos sobre la construcción en altura en la Argentina, 1910-1940. **Estudios del hábitat**, v. 21, n. 1, e120, 2023.

CENTRO DE DOCUMENTACIÓN DE ARTE Y ARQUITECTURA LATINOAMERICANA. **Experiencias de urbanismo y planificación en Argentina, 1909-1955.** Buenos Aires: CEDODAL: Ministerio de Infraestructura de la Provincia de Buenos Aires, 2012.

CERASOLI, Josianne Francia. História, arquitetura e cidade: a viagem à Europa como estudo no início do Século XX. **Oculum Ensaios**, n. 14, p. 14–25, 2011.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

REVISTA
do_co_mo_mo_
ISSN 2594-8601
brasil

GUIDO, Angel. **Fusión hispano-indígena en la arquitectura colonial.** Rosario: La Casa del Libro, 1925.

GUIDO, Angel. **La arquitectura hispanoamericana a través de Wölfflin.** La Casa del Libro, 1927.

GUIDO, Angel. **Catedrales y rascacielos.** Buenos Aires: Colegio Libre de Estudios Superiores, 1936.

GUIDO, Angel. **Redescubrimiento de América en el Arte.** 3ª ed., Buenos Aires: El Ateneo, 1944.

GUIDO, Angel. La machinolatrie de Le Corbusier (fragmentos). Traducción María Claudina Blanc. **A&P Continuidad**, n.8, vol.5, jul. 2018 [1930], p. 10-13.

MONTINI, Pablo; SIRACUSANO, Gabriela. Ángel Guido. **Anales del Museo Histórico Provincial de Rosario.** Rosario: Museo Histórico Provincial de Rosario Dr. Julio Marc, 2011.

MORSE, Richard. **O espelho de Próspero: cultura e ideias nas Américas**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cia das. Letras, 1988.

RIGOTTI, Ana María. Monumento a la Bandera de Rosario. Síntesis de búsquedas excéntricas en la modernidad argentina. **Actas de las Primeras Jornadas de Historia y Cultura de la Arquitectura y la Ciudad – Grandes obras de la arquitectura en Argentina en Buenos Aires.** Universidad Torcuato Di Tella, 2011, p. 30-39.

ROJAS, Ricardo. **Euríndia. Ensayo de estética de las culturas americanas.** Buenos Aires: Losada, 1951 [1924].

TOUCEDA, Adriana Marta Irigoyen de. **Frank Lloyd Wright e o Brasil.** Dissertação (Mestrado em Tecnologia do Ambiente Construído) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2000.

WORRINGER, Wilhelm. **Abstraction and Empathy.** Chicago: Elephant Paperbacks, 1997 [1908].

NOTAS

[1] A terceira edição da obra, mobilizada aqui como referência, foi publicada pelo *El Ateneo* em 1944 e apresenta uma ampliação considerável não apenas dos artigos, mas, sobretudo, em relação ao conjunto de imagens que os acompanham – algumas delas, publicadas ao longo do presente artigo. A opção por trabalhar essa edição da obra é justificada, sobretudo, pela adição das imagens, transformadas em vestígios dessa vontade de inventariar o continente a partir da arquitetura e de suas cidades.

[2] A pesquisadora realizou uma extensa e aprofundada pesquisa a partir deste epistolário salvaguardado pela Casa-Museo Ricardo Rojas e é autora de importantes trabalhos sobre Angel Guido (Antequera, 2019).

[3] Esse exercício também pode ser observado na produção de outros autores dedicados a pensar historicamente a diferença entre as Américas e seus desdobramentos culturais, como é o caso de *O Espelho de Próspero* (1988), de Richard Morse. No ensaio, Morse retoma as alegorias shakespearianas mobilizadas para pensar a América Latina em uma comparação entre as trajetórias históricas da América Anglo-Saxônica e da América Ibérica orientada a inverter uma perspectiva profundamente enraizada no pensamento latino-americano: a ideia de que a América Latina seria apenas uma versão incompleta, atrasada ou fracassada do modelo norte-americano.

[4] Há muitos trabalhos dedicados a apresentar a trajetória e analisar as obras de Frank Lloyd Wright, verbete comumente encontrado nos principais manuais de história da arquitetura moderna. Para os argumentos apresentados aqui, contudo, é importante a leitura realizada por Adriana Irigoyen de Touceda (2000) em sua tese de doutorado dedicada a aproximar o arquiteto estadunidense e a arquitetura moderna no Brasil.

[5] A categoria da "vontade artística" é recorrente ao longo dos capítulos da obra e indica um diálogo estabelecido por Guido entre seus argumentos e as categorias formuladas pelo historiador da arte Wilhelm Worringer na obra *Abstração e Empatia* (1908). Grosso modo, o alemão defende uma análise formal do campo da arte pautada não apenas pela técnica, mas por impulsos psicológicos e existenciais do ser humano diante do mundo.